

A 40 ANOS DA REUNIFICAÇÃO UM CONTRIBUTO AO TEMA DA INTERCULTURALIDADE

Foi-me pedido para escrever um artigo sobre a reunificação dos dois Institutos – FSCJ e MFSC – num único Instituto missionário comboniano propondo algumas reflexões úteis ao tema deste ano, a interculturalidade. Limitar-me-ei a apresentar algumas breves observações que derivam da minha experiência pessoal.

Gostaria de partir de uma fotografia gigante que vi no passado dia 19 de Janeiro na igreja da nossa paróquia de Lima-Chorrillos, por ocasião da ordenação diaconal de Alessio Geraci, por mão do nosso confrade comboniano, D. Luis Alberto Barrera Pacheco, bispo de Tarma. Na parte superior da fotografia vê-se o abraço dos dois superiores gerais, P. Tarcisio Agostoni e P. Georg Klose, no dia da reunificação, festa do Coração de Jesus, a 22 de Junho de 1979; na parte inferior, uma imagem que se refere aos 80 anos de presença comboniana no Peru e na América Latina; aos pés da fotografia gigante, o nosso fundador, São Daniel Comboni, com as palavras: «Se tivesse mil vidas, dá-las-ia todas pela missão».

As três cenas não se podem explicar sem aquele abraço significativo que selava a reunificação e a reconciliação depois de 56 anos de divisão, ocorrida em 1923, depois da primeira guerra mundial, uma guerra de nacionalismos em confronto. Sem a reunificação não se teria chegado sequer aos 80 anos da província do Peru, que até agora continua a ter uma certa vitalidade graças ao facto de a interculturalidade ser já uma experiência partilhada. Na assembleia provincial, em Janeiro deste ano, participaram Combonianos de 13 nacionalidades de quatro continentes, para reflectir juntos sobre o tema «Compreendiam-se com a linguagem do amor», tendo como paradigma o cenáculo de Pentecostes. Sem a reunificação, não se teria chegado tão-pouco à beatificação de Comboni (1996) e à sua canonização (2003), porque se sabe que para a beatificação de um fundador, é preciso uma renovação do instituto.

Renovação estrutural

No nosso Instituto houve uma renovação, que podemos definir estrutural, com o Capítulo especial de 1979 – exactamente há 40 anos – no qual tomaram parte os capitulares dos dois Institutos, até àquele momento separados. Ao mesmo tempo, elaborou-se uma nova «Regra de Vida» com os estatutos do novo Instituto; escolheu-se um novo nome, resultado de um longo e profundo discernimento, como se lê na *Carta sobre o nome novo* do Instituto, anexada à Regra de Vida, a 29 de Julho de 1979.

Sei bem que há Combonianos que quase não notaram esta passagem para um novo Instituto, porque pertencem a gerações mais jovens ou por outros motivos. Para a maior parte, a passagem ocorreu de maneira *automática*. E, todavia, sobre os missionários que trabalhavam nas províncias do Peru e da África do Sul, o impacto foi forte: estas transformaram-se em províncias *internacionais* com uma crescente experiência de interculturalidade; ambas, de facto, tinham só missionários de língua alemã e começaram a receber missionários de diferentes línguas, nações e continentes.

Experiências positivas em Espanha

Quem escreve estas linhas, com os seus 78 anos feitos, é o mais novo dos Combonianos provenientes da DSP no Peru. Quando, em 1984, tive de assumir a liderança da província, a convivência não era muito pacífica nem se compreendia bem porque é que se dava tanta importância à animação missionária, à promoção vocacional e à formação. Dizia-se: viemos evangelizar, não a preocupar-nos com o futuro; quando formos velhos, vamos embora e acabará o nosso serviço neste país. Portanto, daqui a pouco tempo, eu serei encarregado de *apagar a luz* como o último que ficou no nosso querido Peru. Já me tinha acontecido em Espanha, em 1980, ir embora como o último alemão. Fi-lo, feliz e contente, porque deixava uma província florescente.

Espanha viveu o processo da reunificação como protagonista de relevo. A meados dos anos 50 – sem saber uns dos outros – os Combonianos *italianos e alemães* chegaram a Espanha para fundar. Os primeiros começaram em San Sebastián (1954), depois estenderam-se rapidamente a Corella (Navarra), Madrid (1958), Barcelona, Valencia, Granada, Santiago... Os alemães, com muito menos pessoal, ficaram na província de Palência, em Castilla la Vieja, com a fundação do seminário menor em Saldaña e a casa de Palência, juntamente com uma grande herdade para o auto-sustento, até 1960.

Cedo ou tarde haveriam de encontrar-se ou, porventura, *desencontrar-se*. O encontro foi devido à oferta de uma casa aos *italianos* para uma fundação em Sahagún, a 30 km de Saldaña. Uma vez que era zona dos *alemães*, o superior de Madrid, P. Enrico Farè, considera oportuno consultar, acima de tudo, o superior de Saldaña, P. Francisco Kieferle, e juntos foram conhecer a casa, que afinal era um velho castelo em ruínas, totalmente inútil para uma nova fundação. Ambos regressaram felizes por se terem encontrado nesta estranha e providencial circunstância. O P. Farè e o P. Kieferle eram pessoas de grande coração, que de imediato estreitaram uma boa amizade: Daquele momento em diante, os padres *alemães* foram sempre bem-vindos a casa dos *italianos* de Madrid.

Ambos os grupos, *italianos* e *alemães*, abriram as suas casas de formação a jovens espanhóis; em finais dos anos 60 concordaram em unir os dois noviçados de Moncada-Valência. Espanha começou a ser uma providencial es-

cola de encontros entre os membros dos dois Institutos. Os jovens espanhóis não conseguiam compreender – e menos ainda aceitar – que houvesse dois Institutos Combonianos no seu país. O tema da reunificação tornou-se um tema importante nos Capítulos Gerais de ambos os Institutos, até quando em 1975, os membros dos dois Capítulos Gerais se encontraram em Ellwangen (Alemanha) e a 2 de Setembro decidiram a reunificação, a realizar-se no Capítulo conjunto de 1979.

Pequenas experiências de outros encontros de colaboração entre os dois Institutos separados tiveram lugar também no Peru (já a partir de 1966), no Equador, na África do Sul, no Uganda... A 22 de Junho de 1979, festa do Sagrado Coração de Jesus, o cardeal Agnelo Rossi, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos e representante do Papa, ratificou a reunificação. Todavia, atrás destas datas cronológicas, houve resistências e também muitos obstáculos a ultrapassar, antes de chegar ao grande acontecimento final. Em diversas pessoas de uma certa idade dos dois Institutos, que tinham vivido a divisão, tinham ficado algumas feridas e não poucos duvidavam que se pudesse chegar um dia a um encontro feliz e completamente novo.

Um testemunho de excepção: P. Andrés Riedl

Pessoalmente tive a dita – melhor, considero-a uma graça – de viver três anos em Saldaña com o P. Andrés Riedl, um dos três pioneiros da fundação de Pozuzo em 1983. Ele tinha 20 anos e estava ainda nos primeiros anos do seminário missionário de Brixen-Bressanone, quando se verificou a divisão, em 1923. Ao saber o que tinha acontecido, perguntava-se desolado: «O que é que aqueles do topo fizeram?», referindo-se aos superiores. De facto, muitos da base, tanto na Europa como em África, não estavam de acordo com a divisão.

O P. Andrés considerou-a uma desgraça que nunca deveria ter acontecido num Instituto que se chamava *Filhos do Sagrado Coração de Jesus*. Para ele, a divisão era uma ferida que tinha de ser curada o mais depressa possível. Já sacerdote – assim me confidenciou – em cada Santa Missa, elevando o cálice com o sangue de Cristo, pedia que se chegasse à reunificação. Não foi acaso que mais tarde, em 1956, tenha decidido, com licença dos superiores, ir a Espanha para uma nova fundação com o objectivo de conseguir vocações de sacerdotes para as zonas pastoralmente abandonadas nos Andes de Huánuco. Esta fundação foi, sem dúvida, providencial para que os dois Institutos, de *alemães* e *italianos*, se encontrassem, estreitassem laços de colaboração concreta e fraterna e se tornassem assim dinâmicos promotores da reunificação de 1979.

A reunificação foi certamente um fruto e um dom precioso do Espírito Santo ao nosso Instituto comboniano; uma experiência pouco comum, pode-se dizer, olhando para a história da Igreja, onde as separações de Institutos são

mais numerosas que as reunificações. Por ocasião dos 75 anos de presença comboniana no Peru, vivemos a experiência de uma bela e fraterna celebração entre missionários de mais de dez nacionalidades de quatro continentes.

O P. Andrés Riedl expressou-me muitas vezes a sua convicção: «Se nos reunirmos, teremos abundantes bênçãos do Coração de Jesus». Pelo modo como tinha sido vivida a história, a reunificação parecia quase impossível e algumas situações talvez o tenham feito duvidar também a ele do êxito positivo deste processo. Tal como Moisés contemplou a terra prometida do monte Nebo, assim o P. Andrés viu a reunificação próxima, mas ainda não realizada, porque faleceu a 9 de Janeiro de 1974, um ano e meio antes da decisão de Ellwangen de Setembro de 1975.

Para muitos, a abertura dos missionários Combonianos à América foi uma espécie de traição ao carisma africano do Fundador, como alguns fizeram notar nos Capítulos de 1985 e 1991. Hoje sabemos que estas aberturas (na América e também na Ásia) asseguram uma presença em quatro continentes e serão garantia do facto que o carisma de Comboni nunca será esquecido. Como disse também o Papa Francisco aos capitulares de 2015, explicando que o nosso nome, *Missionários Combonianos do Coração de Jesus*, define também a nossa identidade: somos missionários, com o carisma de Comboni, que só se compreende a partir da contemplação do Coração aberto de Cristo Bom Pastor. Uma fundação é tanto mais forte e vital quanto o são as suas raízes. No nosso caso, as raízes revigoraram com a reunificação dos dois Institutos, com um novo nome e uma nova identidade.

Se olho para a minha vida pessoal e familiar, posso testemunhar a misericórdia e as abundantes bênçãos do Coração de Jesus. A mesma coisa podem afirmar certamente os outros confrades.

No seu plano missionário, Comboni queria reunir todos os institutos e instituições para «salvar a África com os africanos», criando centros de formação em todo o continente. Hoje, num mundo que a passos de gigante caminha para a globalização, com milhões de migrantes por toda a parte, temos de, como família missionária, enfrentar o grande desafio da interculturalidade, para a transformar no mecanismo que nos torne capazes de tecer amplas redes de contactos humanos e de relações construtivas com outros povos e culturas, baseadas no respeito recíproco, no apreço dos valores dos outros, na humildade de coração e na verdade evangélica. Condições necessárias para a construção de uma humanidade nova.

P. Alois Weiss, mccj
Palca – Tarma (Peru)